

TRABALHO E INOVAÇÃO: OFICINA DE GERAÇÃO DE RENDA¹

Work and innovation: workshop for income generation

ARAÚJO, Margarete Panerai²
SCHMIDT, Anellize³
CAMARGO, Grazieli Ferreira⁴

RESUMO

Este estudo apresenta uma contextualização do trabalho e aborda as experiências de inovação, junto a um empreendimento de economia solidária denominado de Oficina de Geração de Renda (OGR), que atende a trabalhadores usuários do Departamento de Saúde Mental e dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) da Fundação de Saúde Pública de Novo Hamburgo. Considerando as oscilações acirradas no mercado econômico, o desafio é mostrar como as redes de cooperação de incubadoras promovem o resgate social. Metodologicamente a pesquisa desenvolveu-se com uma análise qualitativa, sendo que os delineamentos descritivos são resultados de ferramentas estratégicas e transformadoras que representam soluções para a inclusão social. Assim, pode-se afirmar que a busca do real sentido do trabalho e da inclusão, junto aos pacientes com transtornos mentais, reconstrói e reformula fronteiras revelando novos saberes aos trabalhadores.

Palavras-chave: Inovação; Trabalho, Inclusão social.

ABSTRACT

This study provides a contextualization of the work and discusses the experiences of innovation, along with a social economy enterprise called Income Generation Workshop (OGR), which serves employees of the users of Mental Health Department and the Centers for Psychosocial Care (CAPS) Public Health Foundation of New Hamburg. Considering the fierce fluctuations in the economic market, the challenge is to show how cooperative networks of incubators promote social recovery. Methodologically the research was developed with a qualitative analysis, and the descriptive designs are the

¹ O empreendimento denominado de Oficina de Geração de Renda (OGR) recebe acompanhamento de professores e bolsistas do Projeto de Economia Solidária, cujo patrocínio é da Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP) do Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação do Governo Federal.

² Pós-Doutora em Comunicação, Região e Cidadania junto às Cátedras de Gestão de Cidades e UNESCO na Universidade Metodista de São Paulo, Doutora em Comunicação Social pela PUCRS. Atua como professora-pesquisadora na Pró-reitoria de Pesquisa e Inovação (PROPI) e extensionista junto à Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários (PROACOM) na Universidade Feevale, em Novo Hamburgo. E-mail: panerai@feevale.br.

³ Terapeuta Ocupacional, Coordenadora da Oficina de Geração de Renda (OGR) – Serviço do Departamento de Saúde Mental da Fundação de Saúde Pública de Novo Hamburgo. E-mail: to.anellize@gmail.com.

⁴ Acadêmica, Bolsista de Iniciação Científica junto à Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação (PROPI) na Universidade Feevale, em Novo Hamburgo. E-mail: grazieli_camargo@feevale.br.

result of strategic and transformational tools that represent solutions to social inclusion. Thus, it can be argued that the search of the real meaning of work and inclusion, with patients with mental disorders, rebuilds and reshapes boundaries revealing new knowledge workers.

Keywords: Innovation; Work; Social inclusion.

INTRODUÇÃO

A região do Vale do Rio dos Sinos, no Rio Grande do Sul, é tradicionalmente caracterizada por um pólo de empresas, observando-se, cada vez mais, o interesse em buscar parcerias globais, frente à exportação, como opção estratégica ao capitalismo. Nesse cenário, a Economia Solidária, enquanto Rede de Cooperação e de aprendizagem, também aparece na região como uma porta em si, que resgata novos valores que fazem parte da cultura do trabalho, como a solidariedade, autogestão, a competência, a autonomia, e o esforço coletivo, além dos processos de inovação. A rede de saúde mental e economia solidária conservam uma independência e desenvolvem um trabalho coletivo, cujo espaço de articulação, experiências e inserção no trabalho é constituído por trabalhadores que, no seu processo de inclusão, conquistam os resultados almejados.

O objetivo proposto foi de descrever a rede de cooperação da saúde mental em sua atuação com a economia solidária. Por esse motivo, pretende-se resgatar conceitos, mesmo que de forma parcial, sobre a evolução histórica da concepção do trabalho e seu processo de transformação até os dias atuais, buscando identificar as mudanças do sentido do trabalho na realização plena do indivíduo como ser humano, algumas bases teóricas sobre a inovação, visto a emergência desse tema na atualidade, e o estudo de caso de um empreendimento cujos projetos terapêuticos da rede de inclusão vêm contemplando uma diversidade de procedimentos e processos interdisciplinares que envolve o resgate do cidadão.

Apesar do cenário organizacional do século XX, que serviu de modelo estruturado e funcional e de especialização de tarefas, o trabalho hoje, no século XXI, ganhou novas facetas. Mesmo com um modelo administrativo competitivo, o sentido que os trabalhadores lhe atribuem mudou rapidamente. Várias são as teorias históricas que despertaram a possibilidade de refletir sobre o tema trabalho e inovação e sobre essas novas combinações decorrentes das crises econômicas, nas últimas décadas. Essas inovações, no século XXI, procuram adaptar-se às novas possibilidades de mercado, buscam atualizações, conhecimento, saberes e aperfeiçoamento ao longo do tempo, não só em termos de autonomia financeira, mas também como possibilidade de desenvolvimento e realização pessoal. A relação entre o passado e o presente, segundo Araújo e Taegtow (2008), nos remete à investigação que se estabeleceu sobre o entendimento do sentido e das novas experiências de trabalho. Segundo Demo (2002, p. 137), para realização dessa pesquisa “[...] cabe analisar essa rápida evolução histórica do trabalho e do conhecimento, como uma arma central de mudança, ainda que, sempre monitorado pelo poder e não pelo bem comum”.

O método de investigação procurou captar ou se aproximar da realidade, nutriu-se do fenômeno e reconstruiu uma dimensão não linear. A Teoria da Complexidade ofereceu um guia para essa última abordagem, pois se utilizou um método qualitativo, através do estudo de caso, junto à Oficina de Geração de Renda (OGR) que atende a trabalhadores usuários do Departamento de Saúde Mental (DMS) e dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) da Fundação de Saúde Pública de Novo Hamburgo. Convém lembrar que, a partir de 2008, a Reforma Psiquiátrica foi marcada por atividades e projetos de geração de trabalho e renda, cujos empreendimentos e associações passaram a compor uma rede de incubadoras de economia solidária.

Assim, o método utilizado captou uma gama de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes considerando os instrumentos utilizados de história oral. O pensamento complexo é responsável pela ampliação do saber, dando passos para o que chamamos de transdisciplinaridade, entendendo, portanto, o intercâmbio e as articulações na construção de um conhecimento presente no seio das interligações do sujeito-objeto-ambiente. Os enfoques metodológicos de cunho primário e secundário foram evidenciados com pesquisa bibliográfica, bem como se apoiaram na história oral, que tem como um ponto comum o trabalho com a memória. O processo de rememorar ofereceu uma mobilização intensa que, segundo Bosi e Carpeaux (1996), destaca uma base propulsora, pois o sujeito narrador reconstrói suas lembranças, refaz seu passado e reprojeta seu presente e seu futuro, ressignificando concepções e reformulando crenças. Também Certeau, Giard e Mayol (2005) afirmam que a memória produz alterações e subverte situações já estabilizadas.

FATORES DETERMINANTES PARA A ATUALIDADE: TRANSFORMAÇÕES HISTÓRICAS, INOVAÇÃO E SENTIDO DO TRABALHO

A evolução histórica do trabalho passou por diferentes análises demonstrando a sua grande importância para todas as sociedades. Sua origem permite compreender a razão do seu prestígio. Segundo Carmo (2005), a palavra “trabalho” tem origem controversa, significando algo penoso, considerando o esforço de sobrevivência, que se transformou ao longo do tempo em ação produtiva, ocupação e, para muitos, algo gratificante em termos existenciais.

O trabalho no passado não merecia a atenção que lhe damos hoje. Mas sua ascensão e seu auge na economia capitalista objetivaram diferentes teorias e grandes contraposições: de um lado, a ideia de predestinação para Max Weber que, segundo Carmo (2005, p. 38), destacava a conduta racional, os valores morais e a existência de uma afinidade entre os ideais protestantes de “vocação” e a compulsão para o lucro e a poupança. Já de outro lado, a concepção “marxista” que criticou o modelo de exploração apresentado, onde só o trabalho gerava riqueza, e quem a produzia não tinha direitos. O objetivo dessa última teoria não foi apenas a revolução socialista, mas a emancipação da classe trabalhadora, com a libertação do trabalho alienante e explorador.

A alta centralidade das atividades laborais, como autoconstrução do ser humano, apareceu nesta concepção histórica, mas também o surgimento de uma nova concepção produtivista, no início do século XX, passou a ser designada de “taylorismo” (CARMO, 2005, p. 59). Nessa concepção, Drucker

(1997, p. 291) lembra que o trabalho era uma tarefa que possuía uma lógica, permitindo o aumento da produtividade, sem desperdício de tempo e gastos, economizando mão-de-obra, criando a racionalização e a mecanização, se baseando na separação dos aspectos intelectuais e manuais do trabalhador.

Henry Ford seguiu a mesma trilha, criando a linha de montagem para a fabricação em massa de automóveis. Trabalho estruturado, parcial e fragmentado, baseado na divisão de tarefas, que elevou o grau de mecanização no trabalho. Esses modelos de produção em massa geraram outras facetas, como o neofordismo ou o pós-fordismo, o toyotismo (das indústrias Toyota), a especialização flexível, os círculos de controle de qualidade, etc., e a revalorização da força de trabalho para evitar a crise da produção.

As transformações do mundo do trabalho contemporâneo foram de grande complexidade. Antunes (1999, p. 190) ressaltou o avanço tecnológico e a constituição das formas de acumulação flexível. A introdução de técnicas e máquinas criou um modelo composto por automatização, *just-in-time*, trabalho em equipe, flexibilização da mão-de-obra, gestão participativa, e mais controle de qualidade. O trabalho em equipe ficou estratégico e a racionalização tornou o trabalhador responsável.

O trabalho passou a ser entendido como fundamental na consciência do ser humano, desde os tempos mais remotos. Mas isso também mudou, pois a valorização do capital, a difusão das tecnologias, a reestruturação das organizações, bem como as relações de trabalho e a concorrência globalizada, marcaram transformações nos últimos anos. Esse entendimento da globalização é um desafio. Nesse mesmo sentido, Bauman (1999, p. 68) lembra que a globalização “[...] não diz respeito ao que todos nós, ou pelo menos os mais talentosos e empreendedores, desejamos ou esperamos fazer. Mas, diz respeito ao que está acontecendo a todos nós, referindo-se explicitamente às ‘forças anônimas’”.

O surgimento de novas concepções de trabalho reduziu fortemente os trabalhos estáveis e formais. Uma economia quase sem trabalhadores poderia significar uma verdadeira transformação social e essas reflexões demonstram que a qualidade do trabalho no mundo continua sendo fundamental, na medida em que, além de satisfazer as suas necessidades materiais e as carências, destaca outros sentidos, principalmente porque dá uma identidade ao trabalhador. Para Drucker (1997, p. 294) “o trabalho é uma extensão da personalidade, dá finalidade e da condição humana”. Também Estelle Morin (2001) concebe que a organização do trabalho deve desenvolver competências, exercer livre arbítrio e conhecer a evolução de seus desempenhos, buscando o seu real sentido.

Dejours (1997) reafirma que um trabalho especializado de empresa choca-se diretamente com a vida mental e com a esfera das realizações, das motivações e dos desejos do indivíduo, levando-o à perda do sentido. Kovács (2002) destaca que a má notícia da organização do trabalho está nas linhas hierárquicas, estruturas funcionais e piramidais, com mecanismos de controle e divisão do trabalho que não permitem a motivação do empregado. Portanto, quanto mais rigidez na organização e maior a divisão do trabalho, menor será o conteúdo significativo e menores serão as possibilidades do funcionário sentir-se realizado.

A necessidade da construção de uma nova forma de realização, em uma vida autêntica, dotada de sentido, dentro e fora do trabalho, recoloca o século XXI no patamar de novos atendimentos das efetivas necessidades humanas e sociais. Por esse motivo, o comportamento inovador deve compreender essa receptividade, o engajamento e o suporte em relação a novas ideias que visem ao surgimento de novos produtos e serviços, bem como a criação de novas tecnologias de processos. Em outras palavras, trata-se da manifestação da vontade do indivíduo em empreender e introduzir novidades por meio da experimentação e do controle dos seus processos criativos, com objetivo de desenvolver obras, procedimentos, métodos, técnicas, benefícios, etc. Castells (2002) destacou que introduzir produtos no mercado, que são explicados por concentrações de produção e de inovação, representa o que costuma chamar de “novas combinações”, também enfatizadas por Schumpeter (1997, p. 76). Ou seja, são provenientes da

[...] introdução de um novo bem, ou seja, um bem com que os consumidores ainda não estivessem familiarizados – ou de uma nova qualidade de um bem. Introdução de um novo método de produção, ou seja, um método que ainda não tivesse sido testado pela experiência, [...]; através de uma descoberta cientificamente nova ou de uma nova maneira de manejar comercialmente uma mercadoria. Abertura de um novo mercado, [...]. Conquista de uma nova fonte de oferta de matérias-primas ou de bens [...]. Estabelecimento de uma nova organização.

No entanto, essas novas combinações só devem se desenvolver frente a uma forma seletiva, cumulativa, direcionada e irreversível. Por seletivo, entende-se que as inovações estariam vinculadas ao conceito de paradigma tecnológico e condicionado a uma trajetória semelhante; por cumulativo, se descreve que os avanços atuais serviriam de base para o futuro próximo; por combinações direcionadas, descreve-se que as escolhas tecnológicas estariam vinculadas a um desenvolvimento; e, por fim, as combinações irreversíveis são a criação de novas inovações, favorecendo uma descontinuidade que não voltaria ao seu estado anterior. A inovação também está associada às economias de localização, ou aquelas vinculadas a setores de uma região.

A capacidade para inovar poderia ser: tanto uma resposta dos agentes econômicos a mudanças ocorridas no ambiente, ou seja, nas forças de mercado, como principal mecanismo incentivador e orientador da natureza das mudanças, quanto uma resposta da lógica do capital. Em outras palavras, a evolução dos conhecimentos científicos se constituiria na força motriz básica e que resultaria na introdução de inovações na atividade produtiva (DOSI, 1982, p. 150). Assim, as extensões das mudanças, no mundo do trabalho, podem incluir desde inovações simples em produtos e práticas existentes, como também inovações incrementais, radicais, ou ainda, mudanças no sistema tecnológico. O importante é lembrar que as inovações são o resultado da melhoria contínua em produtos que oportunizam mudanças estruturais, representando resultados da união de novas formas de organizações.

Portanto, para análise deste tema, o presente artigo procurou mostrar que as discussões sobre o ato de inovar vêm considerando como um fator preponderante para desenvolver empreendimentos aqueles produtos que ofereçam processos baseados na aplicação de conhecimentos científicos e de novos saberes. Para tanto, foi evidenciada a inserção desses conceitos de sentido real do trabalho e da inovação nas atividades de uma Oficina de

Geração de Renda – OGR, que representa um empreendimento incubado no município de Novo Hamburgo levando em consideração as evidências do complexo sistema capitalista.

**INSERÇÃO DE PRÁTICAS DE INOVAÇÃO QUE RESGATAM O SENTIDO DO TRABALHO:
EVIDÊNCIAS DE INOVAÇÃO NA OFICINA DE GERAÇÃO DE RENDA**

Reconhecer o desafio de compreender a complexidade humana em situações de trabalho exige refletir sobre uma sensibilidade constantemente aberta a observações, pesquisas e vivências do cotidiano, quanto a inovações das organizações. Por qualificação e competência entende-se, atualmente, o saber-ser, o saber-viver e outros saberes sociais. Conforme Strobants *apud* Desaulniers (1998), a qualificação mostra o saber-fazer dos trabalhadores, o domínio, a competência, perícia, *know-how*, e essas regras vêm repercutindo nas organizações. Conforme a autora, as competências, os novos saberes não são diretamente produzidos pelas transformações da organização do trabalho, mas sim representam o fruto de um novo interesse, de uma renovação dos critérios de definição da atividade de trabalho executado pelos trabalhadores. Assim, buscando a comercialização, formação, troca de conhecimentos e tecnologias sociais, os processos de enunciação coletiva buscam fortalecer essas iniciativas, no setor da saúde mental, no conjunto do tecido social. A rede vem atuando no movimento pela Reforma Psiquiátrica e na Luta Antimanicomial com grande mudança de paradigma em relação à assistência em Saúde Mental no Brasil.

Uma vida dotada de sentido, no ambiente de trabalho, para Antunes (1999), significa ainda que o indivíduo tem liberdade, plena autonomia e o domínio efetivo do ato laborativo, demonstrando a condição de ser livre e, assim, também dotado de sentido. A partir do trabalho é possível “explorar as conexões decisivas existentes” (ANTUNES, 1999, p. 144). Assim, entre trabalho e liberdade, o ser humano idealiza sua consciência, sua realização.

Antunes (1999, p. 151) nos reafirma que, sem finalidade, nenhum trabalho “é entendido como resposta à vida cotidiana, aos seus questionamentos e necessidades”. A realização e a autonomia em conformidade com as aspirações mais autênticas, em que liberdade e necessidades se realizem reciprocamente, são as mais procuradas. De fato, hoje as Incubadoras Universitárias incentivam a geração de novas frentes de trabalho, para garantir a continuidade de um processo inovativo. É no acompanhamento e participação das incubadoras por regiões que se caracterizam as organizações e os serviços que desejam incluir trabalhadores, conforme destaca Dejours (1997).

Segundo o Ministério da Saúde (BRASIL, 2005), os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), vinculados ao Departamento de Saúde Mental (DSM), são instituições destinadas a acolher os pacientes com transtornos mentais, estimulando sua integração social e familiar, apoiando iniciativas na busca da autonomia, oferecendo atendimento médico e psicológico. Tem como característica a busca e a integração a um ambiente social, cultural, onde é possível desenvolver uma vida cotidiana junto aos seus familiares. Decorrente da reforma psiquiátrica, a construção desses centros desde 1986, com seu primeiro aparecimento na cidade de São Paulo, vem oportunizando a substituição de um modelo hospitalocêntrico para um atendimento

assistencial e consolida e se fortalece através de um movimento que busca alternativas para as precárias situações dos hospitais psiquiátricos. Ou seja, a substituição do modelo asilar promove o processo de inclusão social e real cidadania, melhorando as condições de tratamento, de moradia e trabalho.

Assim, os CAPS dispõem de recursos profissionais, infraestruturais, econômicos, culturais e sociais, assumindo um papel estratégico na comunidade, direcionando os usuários trabalhadores a um tratamento com comprometimento psíquico e construção da autonomia. O dispositivo terapêutico foi incluir atividades de geração de renda, somando as contribuições técnicas das incubadoras, as iniciativas dos familiares e dos usuários no território onde se situam. No tocante a esse ponto, Dejours (1997) confirma que um trabalho se articula diretamente com a vida mental e com as demais esferas de suas realizações, das motivações e dos desejos.

As atividades terapêuticas se caracterizam de forma ampliada, revelando outras realidades, modelos, relações, singularidades, etc.. Conforme o relatório do Ministério da Saúde (2004), elas vêm sendo desenvolvidas em pequenos grupos, segundo os variados recursos e atendimentos, envolvem oficinas expressivas, geradoras de renda, de alfabetização, culturais, esportivas, de suporte social, de leitura e debate, de confecção, de grupo de autogestão, etc. As Oficinas Terapêuticas são caracterizadas nos CAPS, por fazerem parte do tratamento da crise, oferecendo oportunidades de expressão, autoconhecimento, psicoeducação. São em grupo e escolhidas conforme o desejo dos usuários e de acordo com seu estado emocional.

A Oficina de Geração de Renda (OGR) se caracteriza por trabalhar com a preparação do usuário ao retorno ou inclusão no mercado de trabalho. Preocupa-se com a ressignificação da atividade trabalho na vida do sujeito, enquanto oportunidade de ser e existir no mundo social. A reflexão permanente sobre os tipos de trabalho, seu desejo atual, necessidades laborais e as oportunidades oferecidas são temas abordados nos grupos e reuniões que, de acordo com Desaulniers (1998), oportunizam o saber-fazer dos trabalhadores, o domínio e a competência.

A Oficina de Geração de Renda (OGR) de Novo Hamburgo, enquanto evidência de pesquisa, iniciou suas atividades em novembro de 1998 dentro da Casa de Saúde Mental, no Centro do município. Realizava oficinas de produção de papel reciclado e atuava com loja de fotocópias, porém a evolução das atividades permitiu o que Antunes (1999) destacou, em explorar as conexões existentes no desenvolvimento do trabalho. Assim, a OGR conquistou um novo espaço, mais significativo, tanto físico quanto de relevância e visibilidade dos serviços.

Atualmente a equipe interdisciplinar envolve diferentes profissionais. Atuando com parceria inédita entre os Ministérios da Saúde e do Trabalho e Emprego (Secretaria Nacional de Economia Solidária - SENAES) através de uma política de incentivo técnico e financeiro, para as iniciativas de Geração de Renda, esse atendimento recebe acompanhamento e assessoramento da Universidade, através do seu projeto de Incubadora de Economia Solidária. Essas medidas ampliam e fortalecem o acesso ao trabalho e à renda, transformando a antiga noção de trabalho por novas concepções de compreensão, conforme é destacado por Carmo (2005) e Drucker (1997).

Portanto, o marco referencial da Economia Solidária propicia um caminho mais promissor para os embates práticos e teóricos desse novo campo.

As concepções filosóficas demonstram a inovação que se deseja apresentar como uma tecnologia social de reinserção através do trabalho, potencializando ações na perspectivada Economia Solidária. Os empreendimentos criam novos produtos e processos baseados na aplicação de conhecimentos científicos adquiridos, conforme descrevem Castells (2002), Schumpeter (1997) e Dosi (1982). Os resultados significativos podem demonstrar diminuição das internações hospitalares psiquiátricas, aderência satisfatória no tratamento, participação dos familiares e da comunidade, troca e aprendizado mútuo de saberes e habilidades, estímulo material, retorno ao trabalho, participação em eventos externos, como feiras de artesanato, eventos culturais e de lazer.

A estrutura organizacional funciona semanalmente e envolve uma rotina de reuniões, seminários com a Rede, Interconsultas (agendadas, conforme demanda), reuniões do Departamento de Saúde Mental e do Fórum Macro metropolitano de Saúde Mental que trabalham com as Oficinas de Geração de Renda, o Fórum de Economia Solidária do município de Novo Hamburgo, etc. Os acolhimentos, visitas domiciliares, acompanhamentos terapêuticos, inserção em espaços de comercialização dos produtos, assim como os atendimentos individuais de cada usuário também são relevantes no trabalho desenvolvido na OGR. A rotina de atendimento junto aos usuários conta com grupos de trabalho que envolve reuniões de organização, como nos grupos de autogestão, de vendas, de práticas de alfabetização e oficinas de produção de velas, costura, pintura, papel reciclado e serigrafia e demais artesanatos.

Os produtos confeccionados manualmente na OGR são reciclados, reaproveitando materiais com características ecológicas e artesanais, e valor agregado, sendo bem aceitos pela comunidade. A comercialização acontece em diferentes espaços pelos próprios usuários trabalhadores. São a Casa do Artesão, as feiras nas universidades, praças e eventos diversos do município e região.

A reabilitação psicossocial inclui cuidados de inserção social, respeitando as possibilidades individuais e os princípios de cidadania, de forma que os protagonismos do usuário trabalhador minimizem seu estigma, promovam oportunidades, interação, favoreçam vínculos, saberes e demais práticas decorrentes. Assim, as oficinas voltadas à geração de renda têm por objetivo inicial a preparação para a inserção do trabalho no mercado formal e atualmente a inserção também no mercado informal, pois ajudam na reabilitação dos pacientes inserindo-os novamente no mundo social. Conforme Dejours (1997), essas atividades têm um cunho na descoberta de habilidades junto a diferentes trabalhadores, para que eles iniciem seu processo de crescimento e mobilidade social de forma prática e autônoma.

Amarante (2009) já dizia que a proposta atual das oficinas sugere estratégias que buscam inserção, a partir de métodos que capacitam os usuários a criar, produzir e vender os produtos que desenvolvem, desvinculando-se do trabalho explorador, das pressões diárias exercidas aos trabalhadores comuns, como carga horária, relações de poder, conflitos de interesse, relações de trabalho, brigas com gerências e salários baixos. Busca-se,

portanto, garantias e direitos, através de um modelo de geração de renda associado à produção e comercialização, também conhecido como Economia Solidária. Entende-se por esse conceito um modo específico de organização de atividades econômicas que se caracteriza pela autogestão, ou seja, pela autonomia de cada unidade ou empreendimento e pela igualdade entre os seus membros. “A empresa solidária nega a separação entre trabalho e posse dos meios de produção, que é reconhecida na base do capitalismo [...] a empresa solidária é basicamente de trabalhadores” (SINGER, 2000, p. 4).

São muitas as experiências brasileiras de geração de renda, cooperativas, trabalho protegido, entre outras, que se articulam com a rede de atenção psicossocial em inúmeros municípios, conforme Amarante (2009). A primeira observação é de que o movimento é de inclusão social, não apenas como um esforço coletivo de mudança do modelo assistencial, de substituição dos hospitais tradicionais por uma rede comunitária de atenção em saúde mental, mas um modelo de concepção da reforma, referente à capacitação de recursos humanos, ou seja, a todos os ingredientes da constituição e sustentação de uma política pública; o respeito à mudança de conceitos, à mudança do imaginário social, da construção de um novo lugar social, diferente dos espaços de segregação individual e institucional.

CONCLUSÃO

A institucionalização que produzia a redução da autonomia, que via nos institucionalizados apenas aquilo que eles tinham perdido de produtividade e de potência criativa demonstrava um modelo único onde o empregado era tido unicamente como propriedade do empregador, era separado das forças produtivas que utilizava, criando condições propícias para o adoecimento coletivo. Uma das grandes dificuldades sociais é a inclusão. Assim, refletir sobre esses problemas sociais é uma tendência que predomina e provoca uma nova aprendizagem onde a reabilitação psicossocial, aliada à Economia Solidária, tem o eixo prioritário de promoção de ações em saúde, trabalho, educação e inserção, através da troca de experiências e construção de conhecimentos entre os grupos e sociedade. Ou seja, integrar pessoas que buscam novas possibilidades é lembrar que o trabalho é uma extensão da personalidade, dá finalidade à condição humana (ANTUNES, 1999; SINGER, 2000).

Estelle Morin (2001) pontua que a possibilidade de realizar algo que tenha sentido, de praticar e de desenvolver suas competências, de exercer seus julgamentos e seu livre arbítrio, de conhecer a evolução de seus desempenhos e de se ajustar compõem a esfera das realizações de todos os desejos do indivíduo. A economia solidária, através do Programa de Inclusão Social pelo Trabalho das pessoas com transtornos mentais (BRASIL, 2005), permite um diálogo transdisciplinar, já que combina aspectos que reforçam e refletem capacidades reais, condições externas, inspiradas pelos valores éticos, morais e espirituais em um contexto de diversidade cultural e de promoção das liberdades individuais.

Todas essas ideias se complementam. A autora Estelle Morin (2001) ajuda na conclusão, ou seja, um trabalho tem sentido quando tem objetivos claros e valorizados, e quando os resultados têm valor aos olhos de quem o realizou. É necessário que o trabalhador se utilize das suas competências, que tenha a

oportunidade de testar as suas capacidades, com o objetivo de estimular as necessidades de crescimento pessoal e seu senso de responsabilidade.

Nesse âmbito, o sentido do trabalho está na realização do ser em sua atividade profissional, indiferente de salário, posição hierárquica ou profissão. Como componente da realidade, o sentido do trabalho é compreendido e conduzido com diferentes variáveis pessoais, organizacionais e sociais que se transformam continuamente ao longo do crescimento humano, das inovações e da evolução histórica. O processo inovador da Oficina de Geração de Renda (OGR) cujos princípios de Economia Solidária aparecem como determinantes oportunizam essa pesquisa e o conhecimento, que podem se difundir por toda a economia, conforme o grau das condições de apropriabilidade, cumulatividade e de oportunidades para o incremento de práticas, técnicas e produtos, reconstituindo a base do conhecimento inovador. A literatura econômica referente a esse processo inovador mostra essa importância.

Relembrando as informações efetuadas inicialmente, destaca-se que existe um novo conjunto de condições sociais, econômicas, políticas, tecnológicas e de inovação para compreender/explicar o mundo atual. A economia solidária e o desenvolvimento local são perspectivas que têm aflorado novas possibilidades e novos desafios, confirmando a necessidade de novos estudos e abordagens sobre o tema.

REFERÊNCIAS

- AMARANTE, Paulo. Reforma Psiquiátrica e Epistemologia. **Caderno Brasileiro de Saúde Mental**, v. 1, n. 1, jan.- abr. 2009.
- ANTUNES, R. Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- _____. **Os Sentidos do Trabalho**. 5. ed. São Paulo: Boitempo, 1999.
- ARAÚJO, Margarete Panerai; TAEGTOW, Lisandra. O sentido do trabalho como realização plena do ser humano. **Práxis: Revista do ICHLA - Instituto de Ciências Humanas, Letras e Artes**, Novo Hamburgo, RS, v. 2, Ano 5, p. 45-55, ago. 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: As consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BOSI, Ecléa; CARPEAUX, Otto Maria. **Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias**. 9. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1996. Coleção Meios de Comunicação Social, n. 6. Série pesquisa.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Saúde mental e economia solidária: inclusão social pelo trabalho / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas**. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2005.134 p. Série D. Reuniões e Conferências.
- CARMO, Paulo Sérgio do. **A Ideologia do Trabalho**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2005.
- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- CERTEAU, Michael de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A Invenção do cotidiano**. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- DEJOURS, Christophe. **A Loucura do Trabalho**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1992.
- _____. **O Fator Humano**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.
- DEMO, Pedro. **Complexidade e aprendizagem: a dinâmica não-linear do conhecimento**. São Paulo: Atlas, 2002.

- DESAULNIERS, Julieta Beatriz Ramos. **Formação e Trabalho e Competência**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.
- DOSI, Giovanni **Technological paradigms and tencological trajectories**: a suggest interpretation of the determinants and directions of technical change. *Research Policy*, v. 11, n. 3, 1982.
- DRUCKER, Peter. **Fator Humano e Desempenho**. 3. ed. São Paulo: Pioneira, 1997.
- KOVÁCS, Ilona. Qualificações e Ensino/Formação na Era da Globalização. In: ARRIGHI, G.; BEVERL, S. (org.). **Caos e governabilidade no moderno sistema mundial**. Rio de Janeiro: Contraponto, Editora UFRJ, 2002. p. 147-166.
- MARX, Karl. **Teorias da Mais-Valia**: Histórias críticas do pensamento econômico – livro 4 de “O Capital” / Karl Marx, v. 3. Trad. Reginaldo San't Anna. São Paulo: DIEFEL, 1980.
- MORIN, Edgar. **A Cabeça Bem-Feita**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- _____. **O método**. 2. ed. Mem Martins/Portugal: Europa-América, 1989. 4 v. (Coleção Biblioteca Universitária).
- MORIN, Estelle M. Os Sentidos do Trabalho. **RAE – Revista de Administração de Empresas**, FGV/EAESP, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 8-19, jul./set. 2001.
- SCHUMPETER, J. **Teoria do desenvolvimento econômico**: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico. São Paulo: Nova cultural, 1997.
- SINGER, Paul. **Globalização e Desemprego**: diagnóstico e alternativas. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2000.